

## A instabilidade da voz narrativa em relatos autobiográficos

Solange Munhoz (Fatec Jundiaí)

O presente trabalho se detém no estudo da configuração de uma voz narrativa que reconstrói sua história de vida marcada pela experiência do exílio, como resultado das ditaduras militares na Argentina e no Brasil. São duas as obras escolhidas para análise, considerando o contexto histórico e a constituição da voz narrativa: a argentina *En estado de memoria* (1998), de Tununa Mercado, e a brasileira *Rabo de foguete. Os anos de exílio* (1998), de Ferreira Gullar.

O exílio como consequência do golpe de Estado na Argentina em 1976 e no Brasil em 1964 está associado, de modo geral, a perdas individuais e coletivas diversas: profissionais e afetivas; sociais e culturais; políticas. Sendo assim, a vida do exilado se estabelece sob o signo da provisoriade e da identidade em crise ou, como diz Héctor Tizón (1995, p. 2), o exílio “es un vivir al margen, una costumbre de sentirse sin límites, como un hombre incorpóreo, anodino, anónimo y sin biografía”. É uma condição de perda experimentada subjetivamente e representa uma ruptura na ordenação de uma história de vida, estando essa experiência identificada com a negatividade.

Em *Rabo de foguete. Os anos de exílio*, Ferreira Gullar deixa clara, no prólogo, sua proposta de escrever uma autobiografia que se concentre nos acontecimentos relacionados com sua vida na clandestinidade e no exílio, entre 1970 e 1977. Reconhecemos, em primeira instância, uma construção discursiva que afirma a coincidência de identidade entre autor, narrador e personagem. Ou seja, desde as primeiras páginas estão dadas as condições para a existência do pacto autobiográfico, conforme aprendemos com Philippe Lejeune (1975). A condição de narrativa

autobiográfica de *Rabo de foguete* está explicitada também por meio da foto na capa, do discurso da orelha e do corpo do texto, apresentando o Ferreira Gullar de hoje que rememora e avalia acontecimentos significativos de seu passado.

No entanto, embora sejam muitos os laços a ligá-la à autobiografia, *Rabo de foguete* pode ser lida como um romance de aventura em que as fugas de Gullar para escapar da repressão no Brasil, Chile e Argentina dão o ritmo da narrativa e das peripécias e o jogo dos nomes (o verdadeiro e os falsos) desestabiliza a unicidade da relação entre autor, narrador e personagem.

Contemplando a configuração da voz narrativa, encontramos particularidades que implicam em um desdobramento das instâncias narrativas: por um lado, autor e narrador — aquele que escreve a história, portanto referente fora do texto, e aquele que a narra, portanto referência dentro do texto — se estabelecem como uma identidade que se constitui em sujeito da enunciação; por outro lado, a personagem nos remete ao sujeito do enunciado (LEJEUNE, 1975, p. 35-41), àquele sobre quem se fala, afastado temporalmente das outras instâncias. No entanto, mesmo quando se trata do sujeito da enunciação, a identidade se problematiza.

Arfuch (2002, p. 47-52), seguindo os passos de Bakhtin, para quem não existe coincidência entre a experiência vivida e a representação, explica que seu estudo sobre a subjetividade contemporânea parte da divergência entre as identidades do autor e do narrador, resistente inclusive à coincidência do nome próprio. No caso de *Rabo de foguete*, o nome próprio e verdadeiro — em oposição às diferentes identidades que Gullar teve que assumir — esconde armadilhas que resultam em jogos de afastamento e aproximação da ficção, em que se abre a perspectiva de ler a obra como romance de aventuras, uma vez que, no final do livro, descobrimos que o José Ribamar Ferreira procurado pelo Exército era um líder camponês e não o poeta. O detalhe que os diferencia, e que o poeta (e o leitor) fica sabendo desde o começo da história mas o despreza, diz respeito à atividade profissional. Esse exemplo aponta

para a importância que o detalhe tem na obra, uma vez que prenuncia acontecimentos, isto é, os detalhes são indícios de acontecimentos que serão decifrados.

Voltando à questão do nome próprio em *Rabo de foguete*, temos que, no plano da experiência, ele não individualiza, cria confusão pela existência do homônimo e contribui para dar novos rumos à vida do poeta. Os diferentes ciclos de clandestinidade e exílio vão impor a Gullar transformações na aparência e de nome. Entre um país e outro, entre um governo militar e outro, sua identidade sofre mutações como resposta camaleônica às necessidades do espaço dominado por distintas formas de violência. Como personagem do romance, experimenta aventuras que predizem perigos gradualmente maiores.

Das duas obras, *En estado de memoria* é a que mais expõe as fissuras causadas pelo exílio ao abranger também o período que o antecede e o regresso. Em dezesseis relatos curtos, uma mulher conta sua experiência de exílio com a família na França e no México devido aos golpes militares em seu país. Após seu retorno à Argentina no final dos anos 80, escreve um relato em que reconstrói de modo íntimo seu percurso em que se cruzam história individual e coletiva.

O caráter confessional do relato, o aspecto terapêutico da palavra, a ênfase na descrição da personalidade da narradora e a sua relação com os pormenores do contexto no qual se insere, levam-nos a cogitar a mudança de *status* da personagem, de entidade imaginária para a existência como pessoa, como autor. Nesse sentido, a questão do exílio nos interessa de modo particular porque com ela se apresenta um dos primeiros índices a iluminar os dados da biografia da personagem com os da autora em um livro onde tais índices são inúmeros. Também Tununa Mercado esteve exilada por duas vezes, na França e no México, por períodos de tempo diferentes. Podemos ainda apontar como elementos comuns as profissões que ambas desempenham ou desempenharam — professora, revisora e escritora, por

exemplo —, o sexo, a idade aproximada, e a relação com Córdoba — onde ambas nasceram —, dentre outros.

Além disso, em nossas pesquisas, encontramos diferentes análises que indicam o caráter autobiográfico do texto. Gina Saraceni (2001) diz que *En estado de memoria* é um texto autobiográfico sobre o exílio e o pós-exílio; já Ana Tissera (2001, p. 28) entende que se encontra no limite entre o testemunho e a autobiografia, e cita uma entrevista ao jornal *Página 12* em que Tununa Mercado comenta:

*En estado de memoria es un libro que yo escribí un poco porque necesitaba ese efecto de reinserción en la Argentina, ya no podía hablar de un “ella” y crear el personaje de una mujer que regresa a la Argentina, me tenía que jugar con la primera persona y tratar de modelar eso sin concederme demasiadas subjetividades. Aunque realmente estuviera hablando desde las entrañas.*

Por essa entrevista, sabemos que o texto inclui uma auto-representação da autora e que, como requer a autobiografia, o encontro com o passado se dá no nível dos acontecimentos e no nível do seu significado. Facilmente verificável em *En estado de memoria*, é a ênfase do texto na história da personalidade da narradora, critério necessário para a constituição de uma autobiografia, conforme as idéias de Lejeune (1975, p. 14). Por outro lado, não se aplicam as variáveis que determinam o pacto autobiográfico nos moldes de sua definição. Especificamente, não existe a autenticidade evidenciada pelo nome próprio unindo as três instâncias narrativas. Ao contrário, a narradora usa de subterfúgio para ocultar seu nome, referindo-se a ele por meio das imprecisões que a sua pronúncia desperta. Assim como acontece em *Rabo de foguete*, talvez seja esse um dos jogos mais importantes no sentido de provocar o efeito de indecisão entre a referência e a ficção: a sutileza da omissão do nome da narradora, não sem ao menos registrar algumas das imperfeitas articulações conseguidas pelos interlocutores na hora de dizê-lo e de deixar pistas de que seria o da autora. A omissão é particularmente interessante se temos em conta a

preocupação da narradora em nomear, identificar, individualizar os seres com os quais se relaciona e sobre os quais discorre, dando particular importância às vítimas da violência. Nesse sentido, em diferentes momentos, reflete sobre as limitações da palavra para narrar certos eventos.

No relato “Intempérie”, a discussão se estende à elaboração do próprio livro e à problematização dos limites éticos da escritura. O movimento auto-reflexivo do texto coloca a questão de como escrever/ narrar sobre o homem, chamado Andrés, que vive na praça próxima à sua casa, a quem a narradora observou por algum tempo antes de iniciar com ele uma conversa e a quem se sente ligada. Comenta nesse relato que o seu interesse por ele e por sua condição lhe causava “una emoción literaria en el sentido más lato” (MERCADO, 1998, p. 103). O interesse em torná-lo tema de seu livro esbarra na necessidade da narradora de averiguar o que subjaz à sua aproximação a Andrés, influenciando a própria elaboração do livro que pára de ser escrito momentaneamente.

As coincidências biográficas entre a personagem e a autora e o discurso auto-referente nos levam à questão vivencial e às suas diferentes abordagens nas duas obras que estudamos. Em *Rabo de foguete* somos constantemente convidados a revalidar o pacto autobiográfico proposto desde o início da obra, desde o prólogo, considerando a fidelidade aos fatos. Por sua vez, *En estado de memoria* não traz texto de apresentação, prólogo, ou outro recurso que nos inicie na leitura, lançando-nos diretamente na história que já começa com uma cena de extrema violência e imagem poderosa, como é a das tentativas frustradas de Cindal para conseguir uma consulta médica fora de horário, pouco tempo antes de suicidar-se.

Ainda que represente eventos relacionados com as últimas ditaduras, *En estado de memoria* dá especial importância às vítimas do golpe militar de 1976, cujas ações repressivas deixaram seqüelas individuais e coletivas com ressonâncias ainda hoje no tecido social argentino. No entanto, esses eventos não se apresentam no texto

de maneira a destacar o contexto histórico e a estabelecer o nível de referencialidade da obra, ao contrário, permeiam de modo mais ou menos evidente cada relato e são utilizados para indicar as reviravoltas na vida da narradora. A referência à ditadura e ao exílio atravessa todo o livro, ainda que não necessariamente na forma de eventos ou datas e, sim, sob a forma das perdas que essas situações acarretaram. A construção do relato segundo a livre associação de recordações e a atenção às perdas de diversa ordem desestabilizam a linearidade do texto.

Já em *Rabo de foguete* os principais eventos históricos relacionados com as ditaduras em alguns países do Cone Sul estão referidos e servem como marcos temporais para orientar a leitura. Isso está diretamente relacionado com a motivação do exílio de Ferreira Gullar: trata-se de um militante do Partido Comunista Brasileiro que, pouco antes do ingresso na clandestinidade e posterior exílio, é eleito para o quadro de dirigentes do partido. Fugindo à perseguição política no Brasil, testemunha golpes militares nos países vizinhos e empreende uma série de fugas que dão o ritmo de seu relato. O principal elemento a desestabilizar a linearidade do enredo está na confusão entre a identidade de quem era perseguido pela ditadura e quem viveu as conseqüências de tal perseguição.

A aproximação entre as duas obras a partir de nosso recorte mostra que — além de terem sido escritas no período pós-ditatorial, abordarem a temática da ditadura militar e versarem sobre o tema do exílio — são relatos em primeira pessoa em que, no processo de narrar uma experiência de vida marcada pelas perdas, desestabiliza-se a unidade dos gêneros literários. Os narradores assumem-se como escritores ou como alguém que realiza alguma atividade relacionada com a palavra escrita e valem-se dela para abordar sua condição de exilado e construir sua autobiografia, que se apresenta fragmentária, instável e repleta de incertezas.

Os aspectos apresentados nos mostram que em *En estado de memória* e *Rabo de foguete*, apesar de serem obras que pertencem a sistemas literários

diferentes, encontramos uma série de coincidências no plano estético que nos levam a lê-las em conjunto. Uma das principais similitudes diz respeito à instabilidade da voz narrativa que tenta dar conta de narrar sua história de vida.

Entendemos que essa instabilidade, por um lado, está diretamente relacionada com a faceta do exílio explorada nas duas obras em que se destacam os aspectos negativos, condicionando a maneira de escrever sobre o tema ou o tempo necessário para fazê-lo. *Rabo de foguete* levou aproximadamente vinte anos para ser escrito. Apesar de ser o mais linear dos dois relatos, considerando as categorias de tempo e de espaço, e o mais rico em nomes de pessoas que reconhecemos como ativas no cenário cultural brasileiro, guarda seus segredos — como alerta Ferreira Gullar (1998, p. 5) no prólogo: “Achei por bem mudar o nome de algumas das pessoas mencionadas no livro”.

Por outro lado, o movimento que reconhecemos nas obras entre os extremos do apagamento e da explicitação da relação entre autor, narrador e personagem, diz respeito à ausência de certezas absolutas com relação à experiência vivida marcada pela violência. Em *En estado de memória*, a parcialidade se verifica particularmente na perspectiva de extrema intimidade e afetividade da voz narrativa sobre a qual repousa a construção do relato. Em alguns momentos de *Rabo de foguete*, despontam as certezas quando o narrador analisa acontecimentos políticos, mas nem por isso se constrói como um relato que alcança uma totalidade, como reconhece o narrador ao terminar com a frase (GULLAR, 1998, p. 269): “Cada um de nós é a sua própria história real e imaginária”.

Em termos literários, a zona de instabilidade da voz narrativa amplia as possibilidades de leitura das duas obras, favorecendo os critérios de autobiografia ou ficção de acordo com as referências que os leitores tenham sobre o contexto histórico abordado ou sobre a biografia dos autores, já que podemos encontrar ambas referências devidamente entrelaçadas nas obras.

Em termos históricos, a instabilidade da voz narrativa gera o movimento de apagar as certezas e problematizar o caráter definitivo dos julgamentos políticos ou éticos, multiplicando as possibilidades de interpretação do fenômeno do exílio e das ditaduras militares.

## **Referências**

ARFUCH, Leonor. *El espacio biográfico. Dilemas de la subjetividad contemporánea*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2002.

DE MARCO, Valeria. Literatura de testemunho: aproximações a Ferreira Gullar. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE CRÍTICA LITERÁRIA, 18. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 47-70.

GULLAR, Ferreira. *Rabo de foguete. Os anos de exílio*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.

LEJEUNE, Philippe. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MERCADO, Tununa. *En estado de memoria*. Buenos Aires: Alción Editora, 1998.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARACENI, Gina. Los encierros de la memoria. Carencia, desnudez y despojo en la obra de Tununa Mercado. In: *Escribir la intemperie. Literatura y desarraigo en cuatro*



*autores de la memoria (1990-2000)*. Caracas: Universidad Simón Bolívar, 2001.  
(Mimeo).

TISSERA, Ana. Tununa Mercado: La memoria del Sur en *En estado de memoria*. In:  
REATI, Fernando; PINO, Mirian. *De centros y periferias en la literatura de Córdoba*.  
Córdoba: Rubén Libros, 2001.

TIZÓN, Héctor. Experiencia y lenguaje I. *Punto de Vista*, Buenos Aires, n. 51, año 18,  
abr. 1995.